

GÊNERO E ESCRITA FEMININA: UMA ABORDAGEM LITERÁRIA SOBRE INFÂNCIAS

GENDER AND WRITING 'S LITERARY: A BIOGRAPHICAL APPROACH ABOUT CHILDREN

XAVIER, Nubea Rodrigues

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar as diversas infâncias existentes no contexto brasileiro e argentino, descritas entre 1930 a 1940, averiguando as autobiografias femininas sob a concepção de gênero, buscando obter as aproximações e distanciamentos existentes na formação da criança, balizados por dois aspectos: os comportamentais e de convivência social. Como embasamento, nos ancoramos na sociologia e antropologia da infância. Para a análise literária, buscamos depreender a escritura feminina por meio das concepções sociológicas a individualização do sujeito e relação de poder das teorias eliasianas. Como resultados, consideramos a modelação de corpos e comportamentos, instituídos pela família e instrução informal, legitimadas nas relações sociais das diversas infâncias apresentadas nas obras literárias.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia feminina, infância, texto literário, corpo.

ABSTRACT: This essay says about the various existing childhoods in the Brazilian and Argentine context described between 1930-1940, taking as an analytical element, the feminine under the concept of gender autobiographies, trying to get the existing similarities and differences in the child's formation of these two countries, being marked by two things: the behavioral and social life. For the theoretical and methodological assumptions, we anchored in sociology and anthropology of childhood, for the literary analysis, we seek to infer women's writing through sociological concepts the man individualized social and power relations through Elias. As a result, we consider the modeling of bodies and behaviors, established by family and informal education, through the containment of drives and legitimated emotions in social relationships of different childhoods presented in literary works.

KEYWORDS: Autobiography feminine, childhood, literary text, body.

Introdução

Esta pesquisa visa averiguar as convergências e peculiaridades sobre a formação da criança brasileira e argentina em sua convivência familiar e a instrução informal em início do século XX, tendo como parâmetro de análise a categoria gênero.

Tomaremos como objeto de estudo as autobiografias das autoras Cecília Meireles, com a obra literária *Olhinhos de Gato* da autora Cecília Meireles e, a obra argentina, *Cuadernos de infância*, da autora Norah Lange.

As temáticas abordadas envolveram discussões a partir da sociologia, filosofia e antropologia e história da infância, afunilando nos seguintes temas: corpo; corporeidade; cultura e relações sociais sob a perspectiva dos autores: Le Breton, Mauss e Norbert Elias.

Buscamos realizar um exercício de pensar a criança e suas infâncias, por meio de seu corpo evocado na cultura, promovendo uma reflexão sobre os autores destacados anteriormente. Para tal, vincularemos a literatura que pode nos apresentar vestígios, marcas, indícios sobre o cotidiano, as pessoas, seus comportamentos e atitudes como balizadores que nos propiciem ressignificar um dado momento social.

Conforme dispõe Campello:

[...] a perspectiva feminista impressa no texto literário, seja como produtora ou como leitora, será um instrumento eficiente de desvelamento da ideologia vigente e, por conseguinte, da conquista de conhecimento à medida que evidencia o lugar onde se escreve e o lugar de onde se lê, pois a obra literária, assim como a obra de arte, impõe um universo único à investigação de demandas sociais e culturais que vinculam a sociedade contemporânea que esta representa. A atividade artística não possui compromisso com o rigor do registro científico. Ela se descompromete com a exatidão dos acontecimentos que a inspiram, mesclando fatos históricos com acontecimentos fictícios, nos propiciando as fissuras, as contradições e as ambiguidades que o texto historiográfico funde. (CAMPELLO, 1995, p. 101)

A escolha pelas obras se fez por nos possibilitar a pensar a criança sobre diversas infâncias, brasileira como argentina, almejando obter proximidades e semelhanças sobre a criança da América Latina.

Para a compreensão da criança, utilizaremos como aporte teórico autores como Sarmento e Gouvea (2009) que explicitam que a infância é produto da cultura:

Os discursos e práticas de sociabilização, ao dirigirem-se à criança, constroem um imaginário sobre a infância, produzindo modelos de gestos, hábitos, comportamentos que são material da sociedade nos processos de formação de tais atores. A criança é também produto de tais práticas e discursos. (GOUVEA, 2009, p. 106)

Consideramos que a criança é formada e naturalizada de acordo com as relações de grupo ao qual está inserida, a partir de sua interação, seja pela educação familiar ou formal ela vai sendo formatada mediante as regras, normas, ditames sociais. A partir desse pressuposto, inferimos que a criança apreende as questões de gênero e a percepção de seu próprio corpo através de sua construção enquanto sujeito social e, conforme as representações do masculino que foi elaborado historicamente com sobreposição ao feminino:

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade, corruptora, foi a responsável pela queda da humanidade do paraíso. Aos homens, o espaço público, político, onde centraliza-se o poder: à mulher, o privado e o seu coração, santuário do lar. Fora do lar, as mulheres são perigosas para a ordem pública. Poderíamos arrolar multiplicar as citações que conclamam as mulheres a não se misturarem com os homens, permanecendo em função caseira e materna. As transgressoras destas normas tornam-se homens, traindo a natureza, transformando-se em monstros. Estes limites da feminilidade, determinados pelos homens, são uma maneira clara de demarcar a sua identidade. (COLLING, 2014, p. 24)

Mediante ao exposto, buscaremos definir como essas representações do feminino, descritas pela literatura escrita por mulheres podem nos dar indicativos de como foram às crianças e suas infâncias do início do século XX, respectivamente, no Brasil e Argentina.

Para tal, elaboraremos uma análise literária e sociológica, sob as perspectivas eliasianas sobre a formação da menina, em conformidade com suas relações advindas da família e de sua convivência em seus grupos sociais.

1. A ideia de corpo construída socialmente

Antes de discorrermos sobre a compreensão do corpo sob a perspectiva antropológica e sociológica, queremos descrever o significado da palavra ‘corpo’ segundo o dicionário crítico de gênero¹:

1. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também o seu entorno, ou seja, a roupa, os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam os silêncios que por ele falam e a educação de seus gestos.
2. O corpo é produto de uma construção cultural, social e histórica sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Ou seja, não é algo dado a priori, nem mesmo é universal: é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoantes o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais e sua linguagem, visto que ele é construído também a partir daquilo que dele se diz.

A partir destes conceitos, temos nítido que corpo é algo que se faz a partir da cultura e de seus hábitos e, independentemente de cada sociedade ter seus costumes, podemos inferir que a criança compreende *ser um corpo* e, o adulto, a faz *ter um corpo*, ou seja, enquanto ela vai se definindo como ser social, descobrindo-se ou entendendo-se; o adulto, por sua vez, a controla, a formata por meio de normas sociais, passando à educá-la a partir de regras acerca de comportamentos e pulsões.

Algumas civilizações foram induzindo na formação deste em parâmetros de beleza, estética, força, neste caso, corpos magros ou robustos, habilidosos ou fortes.

Podemos denominar que este é dado por sistemas simbólicos, e no imaginário infantil vai se estabelecendo uma aprendizagem dos papéis sociais, como por exemplo, a virilidade para o menino e, a do belo; para a menina.

A feminilidade é posta como cabelos compridos, saias, vestidos, os cuidados com as tarefas domésticas, a incompletude perante o masculino, assim, comportamentos individuais vão sendo definidos a partir de uma coletividade.

Mauss elaborou estudos acerca das técnicas corporais, expondo as mais diversas formas de se compreender o corpo, define que tais estudos devam envolver a etnografia, biologia, psicologia e sociologia para se obter uma dimensão exata do homem como ser total,

¹GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo. IN: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro. *Dicionário crítico de gênero*. Dourados/MS: Ed. UFGD, 2015, pp.134-135.

dentro das técnicas corporais que seriam “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974, p. 221).

Este autor defende a ideia que as estruturas sociais, imprimem sobre os indivíduos, por meio da educação, quais devem ser suas necessidades e atividades corporais, dessa maneira, considera que a criança é educada conforme as técnicas sobre o corpo, sendo estas, desenvolvidas a partir de uma tradição, passando de uma geração a outra, por meio de autoridade e *habitus* social.

O corpo vai se modificando através da imitação, dos gestos e comportamentos, podendo ser algo natural, o corpo sendo percebido como objetivo ou como privativo, em que é percebido pelas vivências, obtidas pelos afetos.

Costumes de como se sentar, vestir, comer, enfim, comportar-se perante as determinadas situações podem ser descritas a partir de um *habitus* formalizado pela família, escola ou grupos sociais:

Outro ejemplo: hay posiciones de las manos em reposo, que son apropiadas y otras que no lo son, de tal modo que se puede adivinar con seguridad que si um niño come com los codos pegados al cuerpo y pone sus manos em lãs rodillas cuando está sentado, es um inglés; los niños franceses no saben comportarse, ponen los codos en abanico, los apoyan sobre la mesa, etc. (MAUSS, 1974, p. 340)

Inferimos assim que a criança, ou mesmo o adulto, adéqua seu corpo e seus comportamentos aos modelos estabelecidos dentro de uma sistematização social:

El niño, el adulto imita los actos que han resultado certeros y que ha visto realizar com éxito por las personas em quien tiene confianza y que tienen una autoridad sobre él. El acto se impone desde fuera, desde arriba, aunque se aun acto exclusivamente biológico relativo al cuerpo. La persona adopta la serie de movimientos de que se compone el acto, ejecutado ante él o conél, por los demás. Es precisamente es a idea de prestigio de la persona la que hace el acto ordenado, autorizado y probado em relación com la persona imitadora, donde se encuentra el elemento social. Em el acto imitado se da um elemento psicológico y un elemento biológico.(MAUSS, 1974, p. 341)

Já para o autor Le Breton, o corpo vai além do processo natural, fisiológico, é algo que o indivíduo pode experimentar o mundo como a si próprio, atuando e inferindo significado ao seu mundo:

Es por medio de las relaciones sociales, que el niño satisface poco a poco, como se produce el aprendizaje Del hecho de vivir. Sin la mediación estructurada del otro, la capacidad de apropiación significativa del mundo por el hombre es impensable, su cuerpo se abre por si solo a la inteligencia de los gestos o de las percepciones que le son necesarias. (LE BRETON, 2013, p. 02)

Para ele, o corpo é uma construção cultural que atravessam as tensões entre natureza e cultura. Nessa intenção o autor nos conduz, também, a ideia de corporeidade:

[...] as ações que tecem a trama da vida quotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade; fosse tão-somente pela atividade perceptiva que o homem desenvolve a cada instante e que lhe permite ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e, assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca. (LE BRETON, 2007, p. 07)

Pela corporeidade o homem participa do seu meio como extensão de experiência. Considera que a interação é que elabora a cultura afetiva.

A defesa deste autor se ampara na formação da criança se suscita na sua relação com o mundo que a cerca, a educação, assim como as outras relações sociais, família, igreja, entretenimento, também, influenciarão sua conduta, hábitos, costumes, modelos corporais e a acompanharão durante toda a sua vida. Dessa maneira:

No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Elas só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social. Não há nada de natural no gesto ou na sensação. (LE BRETON, 2007, p. 9)

Nesse sentido, há uma cultura afetiva em que podemos nos situar, elaborando nossos modos pessoais de ser e, quando passamos de uma cultura a outra, podemos denotar que a cultura afetiva muda, alterando as emoções dos sujeitos.

Para compreender melhor essa proposição de Le Breton, podemos citar a maneira como as pessoas definem a ausência, como por exemplo, a utilização da palavra *saudade* que se diferencia no Brasil, Portugal ou Cabo Verde, países que falam a língua portuguesa, mas, que não abarcam o mesmo significado emocional, em que não pode ser posta com algo

natural, com materialidade, mas sim, uma intensidade afetiva, a emoção está impregnada de significado.

O autor expõe que em determinadas sociedades, há sujeitos que podem permanecer estáticos diante da dor, já que foram elaborados numa ritualização de manter a dor somente para si. Em outras, por sua vez, há pessoas choram, gemem, gritam diante da dor.

Ambos consideram que o corpo está numa visão dicotômica, tanto partindo da individualidade para uma coletividade em que as emoções são construídas culturalmente, contudo, dependem da singularidade de cada indivíduo.

E, para Le Breton, a emoção sustenta, por meios de posições contundentes, que as situações emocionais, por mais que se assemelhem a processos fisiológicos cujos segredos estariam contidos no corpo, estão, na verdade, inscritas em modelos contínuos e duradouros de relações sociais e são, ao mesmo tempo, produtos relacionais entre indivíduos, cultura e sociedade.

Marcel Mauss e David LeBreton vão desnaturalizando o corpo e colocando-o como produto da cultura e da própria sociedade. Mauss parte da antropologia, como um conceito padrão para o corpo por meio das técnicas corporais, defendendo a ideia de que não há nada, unicamente, natural mesmo que seja o simples ato de andar ou respirar, são todas selecionadas pela cultura e dirimidas pela educação, transmitida de uma geração para outra. A criança imitará de maneira não consciente aqueles que tiverem prestígio.

Le Breton aponta sua defesa para a corporeidade, de forma, a exemplificar através casos de crianças selvagens que repetem seus aprendizados por meio do “outro”. Enfatiza que o corpo pode se adaptar a situações extremas até certa idade, até que esta criança não tenha contato como outro ator social. Assim, define o homem como incompleto, pois necessita do “outro” para aprender as técnicas corporais.

O autor Norbert Elias Norbert Elias, sobre seus estudos sobre manuais de civilidade nas suas obras *Processo Civilizador I e II* explicita que o indivíduo, ao longo do processo civilizador, foi tendo uma ressignificação do seu corpo como elemento a ser civilizado, em que suas funções e pulsões corporais, foram controladas ou autocontroladas seja pela psicogênese ou sociogênese.

Para Elias o corpo é como uma moeda “em que seu valor fosse conhecido e cujo conteúdo já não precisasse ser testado” (ELIAS, 1994a, p. 13). Dispõe o homem, a partir da obra *Sociedade dos indivíduos* (1994b) como percepção de si mesmo a partir do momento que faz um autoimagem e autoconsciência através da observação e do pensamento mas, não através de sua corporeidade.

Para ele, o homem é formado no interior de suas relações sociais, sempre na perspectiva sociedade e indivíduo.

Assim os modos e as condições de vida de cada indivíduo estão vinculados ao estado de conhecimento da sociedade ao qual está inserido, não sendo, portanto, algo natural e nem universal.

Considera que esses dois elementos: autoconsciência e autoimagem será dada a partir de como nós mesmos, nos definimos no interior dos nossos grupos sociais, assim, ela não é dada a priori e, irá alterar-se, ao longo do processo civilizatório, conforme vão mudando as nossas condições de vida social.

A partir de seus estudos sobre a Idade Média, explicitava que as pessoas eram inseridas desde a infância a grupos humanos muito pequenos e, dependentes, as pessoas não tinham “oportunidade e nem capacidade de ficar sós” (ELIAS, 1994a, p. 108), de maneira que seus comportamentos eram adaptados e ajustados ao convívio dos demais, ocorrendo assim, um estreitamento da relação eu/nós, tendo um maior controle do comportamento individual realizado na maioria das vezes pelo medo.

Além disso, no século XX houve a intensificação da preocupação do corpo individual em relação ao social, tendo dessa maneira, a busca do prazer corporal conduzindo a um exercício do controle social muito maior, o que era anteriormente negado ou rejeitado, nessa perspectiva, intensifica-se o controle dos gestos, comportamentos, posturas, produzindo, também, uma modificação das formas corporais.

As técnicas de disciplinamento instituídas nos séculos XVII e XVIII para a produção do corpo forte e dócil passam a indicar novos modelos de controle, temos uma individualização da criança² de forma que a escola passa a partir daí ter uma função na formação do indivíduo. A criança tem uma intensificação de controle de suas pulsões e impulsos:

Nas crianças, os impulsos instintivos, emocionais e mentais, assim como os movimentos musculares e os comportamentos a que tudo isso as impele, ainda são completamente inseparáveis. Elas agem como sentem. Falam como pensam. À medida que vão crescendo, os impulsos elementares e

² Para Elias, as pessoas, jovens ou crianças fazem parte de uma rede de interdependências, em que ocorre um controle de instintos e uma remodelação do indivíduo, de acordo com a sua convivência em seu meio. Em suas pesquisas, analisou que desde a Idade Média, as crianças começaram a ser afastadas e isoladas do círculo dos adultos, sendo preparadas para a sociedade, ocorrendo assim, uma *individualização*, em que as crianças e jovens eram cada vez mais distanciadas do convívio constante dos mais velhos, tendo um período mais alongado e de preparação em instituições especializadas como a escola.

espontâneos, de um lado, e a descarga motora – os atos e comportamentos decorrentes desses impulsos –, de outro, separam-se cada vez mais. Impulsos contrários, formados com base nas experiências individuais, interpõem-se entre eles. (...) Uma trama delicadamente tecida de controles, que abarca de modo bastante uniforme, não apenas algumas, mas todas as áreas da existência humana, é instalada nos jovens desta ou daquela forma, e às vezes de formas contrárias, como uma espécie de imunização, por meio do exemplo, das palavras e atos dos adultos. E o que era, a princípio, um ditame social acaba por tornar-se, principalmente por intermédio de pais e professores, uma segunda natureza do indivíduo, conforme suas experiências particulares. (ELIAS, 1994b. p. 98)

Dentre os três autores analisados, podemos afirmar que para Mauss, será em cada sociedade específica que a criança, através de seu corpo aprenderá a como se portar, em que esse conhecimento adquirido pelo corpo permitirá a ela expressar-se de formas diferentes, nas mais diversas sociedades.

Para Le Breton em qualquer comunidade social, as manifestações corporais da criança estarão ligadas ao olhar dos seus pares, o seu corpo estará direcionado a corporeidade, não há nada de natural em seus gestos ou nas sensações, tudo implicará nos modelos instituídos culturalmente.

E, para Elias, a criança desde pequena é formatada a partir de suas relações sociais, ela se entenderá indivíduo por meio do seu convívio social, e se inserirá através da civilidade de suas emoções, pulsões ou comportamentos.

Podemos destacar dois elementos cruciais neste processo: o caráter civilizador familiar e escolar. A família, por se tratar da vivência da criança, e por ser nesse espaço que ela vai crescer e se desenvolver, sendo moldada de acordo com os padrões sociais. E, a escola, por ser o local de formalização do seu aprendizado familiar, em consonância com os saberes escolares, necessários para o seu desenvolvimento enquanto sujeito social.

Para Elias, toda criança ao nascer pode ser muito diferente, mas será na sociedade que esta criança se modificará e se tornará mais complexa.

Vivemos numa rede de relações, em que as pessoas interagem continuamente, de maneira que a criança não poderia ficar de fora dessa interdependência, participando, produzindo socialmente e culturalmente, seja pelas suas relações familiares ou sociais, já que ela necessita da adaptação do adulto, para inserir-se na sociedade.

A coibição e a modelação do corpo da criança pelo adulto interferirão nos instintos e emoções naturais das crianças, imprimindo nelas, a marca social e cultural de um determinado período, grupo e contexto.

Consideramos assim que o processo de autocontrole do comportamento social e individual avança de acordo com a civilização, percebendo assim a distância que vai surgindo entre o adulto e a criança, em períodos de vida diferentes, de maneira que, as crianças vão aprendendo, tais mudanças, através das regras e proibições, existentes nas suas relações sociais.

2. Os corpos femininos e masculinos nas autobiografias de mulheres

A autobiografia escrita por Cecília Meireles retrata uma infância de uma menina órfã, criada pela avó portuguesa num bairro elitizado do Rio de Janeiro, em início do século XX.

Olhinhos de Gato traz as reminiscências de uma menina curiosa, alegre e cheia de imaginação que vivia em meio às inúmeras mulheres, sendo estas de sua maior proximidade parentais como sua avó ou convivência com o círculo familiar como cozinheiras, cuidadoras, vizinhas, parentes, empregadas, visitantes, amigas; em um período de profundas mudanças sociais e diversidades culturais muito grandes.

A menina-narradora descreve suas angústias, dúvidas, introspecção, divertimento e tristezas acerca da ausência de seus pais e, de sua abstração de menina em meio a outras realidades que podemos definir de diferentes infâncias brasileiras, nestas descritas por infância de menina-patroa, meninas-negras, meninas-empregadas, meninos de rua, meninos pobres, meninos-trabalhadores: “Os garotos recuavam um pouco e, observavam assombrados, entre os seus barbantes, as suas feridas, os seus trapos. Uns eram brancos, muitos eram mulatos, alguns, pretos...” (MEIRELES, 1983, p. 74)

Dentre suas memórias infantis podemos destacar as diversas maneiras descritas de se compreender o corpo como constructo social.

Ela descreve como eram as vestimentas, os comportamentos, as emoções de seus personagens, a maneira como os costumes de sentar-se a mesa, comer determinados alimentos, posturas ao receber visitas ou dormir ouvindo os adultos contando as histórias.

Entretanto, percebemos indícios de como ela em formação de menina, sentia-se em relação às normas e ditames sociais.

A menina incomodava-se com as roupas diferentes, as das meninas de rua ou as escravas que circulavam na casa de sua avó, porque eram roupas repletas de laços, amarras, enfeites que pesavam em seu pequeno corpo:

Põe-se de pé, para poder puxar melhor. Arranca-o de dentro daquela multidão de chitas e sedas. E em suas mãos surpreendidas aparece um vestido inteiro, um vestido cor de abacaxi, com finas listas paralelas, em relevo, enfeites de renda amarelada, muitas barbatanas, e muitos, muitos colchetes. Mete-se dentro dele, abotoa-se como pode, e sai pela casa correndo [...] Então, ia despindo lentamente aquela roupa que cheirava a flor murcha. Deixava-a cair do corpo, e saltava de dentro dela como quem pula de um túmulo. (MEIRELES, 1983, pP. 9-10)

Seu comportamento era regrado com distinção às demais crianças existentes na obra, a menina-escrava que aparece na porta da casa, com roupas leves, sem amarras, com um colar de sementes e seu cabelo todo enrolado, mas, sem nenhum laço ou fita para rodeá-lo, é algo diferente e invejado pela menina-narradora.

Sob a perspectiva de gênero, o menino descrito na obra é aquele que bagunça, desarruma, ultrapassam os limites da ordem e da organização da casa, ele não tem limites e a deixa transtornada com tanta liberdade e com suas atitudes de brutalidade e violência.

Para ela, o trabalho das outras crianças era algo que a divertia e a vislumbrava, sob o ponto de vista infantil, era como se fosse uma brincadeira, uma diversão:

O moleque da cana e o do puxa-puxa, decididamente, brincavam apenas de vender. Um parava na esquina: reco-recoreco.. . Outro descia a ladeira, saltitando duas varinhas no baú do doce: tique-tique, tique-tique, tique-tique. . .Muito longe, o da pamonha gritava molemente, fanhosamente, como um pássaro esquisito: "Eeeeh. . . pamonha..." "Oiã o pamonheirô!..." "Mas o moleque das balas, carregado de cartuchos cênicos, com uma etiqueta de papel lustroso que, pela cor, indicava a natureza do conteúdo — esse, segurando a armação redonda em que os cartuchos se apinhavam, concêntricos, ainda cantava, coma outra mão em concha sobre a boca, requebrando o corpo, porum cruzar e descruzar dos pés: "Bala de ovo, altéia, chocolate, hortelã-pimenta, iaiá. . .!" (MEIRELES, 1983, pp. 63-64)

Há descrições de inúmeros modelos, costumes e gestos das amas negras, dos personagens vendedores, dos visitantes da casa da avó, das diversas crianças, contudo, há um modelo de comportamento que intriga a menina:

Foi de lá que veio, num tristíssimo dia, com os cabelos esfiapados, o vestido em pedaços, os pés descalços e as pernas de fora, a boca cheia de gritos, e de olhos saídos do lugar, a Laurinda, sua filha, que enlouquecera de repente. "Tudo por causa de um homem!" (MEIRELES, 1983, p. 71)

Tal definição é reforçada pelo comportamento de vergonha e tristeza desencadeado pela postura da filha com problemas mentais:

Foi quando despontou do chão, lá em cima, a velha Mariana, com os seus cabelos cinzentos muito mal enrolados, andando sem pressa, entre aquele tumulto — uma ponta do avental em cima dos olhos, enxugando as lágrimas, sem movimento. Assim de cara coberta, humilhada e trágica, ela descia a rua, atrás da filha doida — sem olhar, entregue ao instinto de seus pés escuros e fortes, que assentavam vigorosos nas pedras e na terra. As ervas agarravam-se aos panos da sua saia, e, por entre as pregas sem fim da sua roupa suja e grossa — mas que caía como a das estátuas — não se viam senão suas duas mãos, suas mãos grandes, direitas, como as de um homem, queimadas do sol, gastas pelo trabalho, escondendo, com aquela chita, a face e a dor. Como se andasse dormindo. Como se andasse já morta. (MEIRELES, 1983, p. 72)

Sobre o comportamento da filha da ‘velha Mariana’, o que mais perturbava a mulher era o olhar do outro sobre a cena de desonra, a senhora, aparentava sofrer, talvez, nem tanto, com a situação de doença da filha, mas, como ela apresentava-se perante a vizinhança.

Definimos assim que o sentimento de vergonha social é algo muito mais aplacador do que propriamente o corpo da filha apresentado sob tal circunstância de loucura, de acordo com Elias (2000) a vergonha foi desenvolvida pelas sociedades modernas como trocas simbólicas, nessa perspectiva, substituída pela culpa, reforçados pelo embaraço e humilhação; a velha senhora demonstra a preocupação com a perda da moral perante os seus pares.

Havia os modelos corretos para cada comportamento seja para as crianças ou adultos e aqueles que não estavam adequados eram relatados com peso maior pela narradora: “As próprias crianças desencantam: ou porque têm sardas, ou os olhos sujos, ou porque metem os

dedos no nariz, ou porque andam com a cara toda melosa de calda de balas ou de visgo de frutas”. (MEIRELES, 1983, p. 90; 91).

Em relação à obra da autora argentina Norah Lange, *Cuadernos de infancia*, temo um relato de uma família contextualizada em meados de 1930 a 1940 de uma família patriarcal, colocada no centro da trama literária, em que a autora almeja compreendera si mesma e sua relação com os demais; sai dos relatos tradicionais de uma infância e apresenta-se num período, não tão inocente; que perpassa sentimentos e situações duras como a morte, medo, angústias analisados pela subjetividade e criatividade de criança.

Podemos dizer que sua obra é permeada de nuances entre as curiosidades, imaginário, sentimentos infantis e a sua relação com o contexto adulto.

Sob a perspectiva de gênero, há um embate travado entre o adulto masculino e feminino dispostos pela escrita da autora, sua convivência num espaço, estreitamente de mulheres, demonstram como a imposição e dominação masculina estava explícita nos comportamentos e atitudes das mulheres descritas na obra.

O feminino descrito pela autora sai daquela condição de submissão ou execução de trabalhos femininos, para se impor com sensualidade e autonomia.

Ela compreende o corpo como algo natural, sem malícia ou preocupação com uma contenção deste:

Un día que buscaba un libro em el dormitorio de Marta, descubrí, entre sus cosas, un método para adquirir belleza. Algunas hojas dobladas señalaban una receta que consistía en salir, desnuda, en una noche de luna llena. Basta bahallarse algunos minutos em contacto completo con su luz fría, para lograr una seducción irresistible. Era evidente que, al sumergirse três veces consecutivas em esse baño de luna, Ella esperaba intensificar su efecto (LANGE 2005, p. 92).

O corpo é denominado pela criança como algo solto, bonito, leve e único, pelo olhar infantil, ainda não há a restrição ou vergonha ao corpo desnudo, imagem na qual, é formalizada pela educação dos adultos às crianças.

Em ambas as obras, brasileira e argentina, demonstram o quanto o ambiente familiar para a formação da criança se fazia em meio aos afazeres domésticos, aos espaços secundários, ou restritos à maioria das mulheres.

Nos *Cuadernos de infancia*, de Norah Lange, percebemos, nitidamente, a limitação a alguns espaços:

Três janelas dão sobre minha meninice. A primeira corresponde ao escritório de meu pai. Nas poucas vezes em que entramos nesse aposente, sentimo-nos algo intimidadas diante dos móveis severos, de couro frio escorregadio, e das paredes cobertas de planos e mapas de diferentes países. Pressentíamos que ali só se entrava para conversar de coisas sérias ou quando era necessário despedir algum peão, algum servente. (LANGE, 2009, p. 19).

As regras e direcionamentos aos comportamentos das autoras aparecem com cuidados com a postura, com a escolha das brincadeiras direcionadas às meninas, com os locais da casa em que podiam circular, roupas coerentes, maneiras de se comportar conforme as instruções das familiares de seus convívios.

Conseguimos vislumbrar na obra de Norah Lange, uma diferenciação de tratamento ao irmão e às demais meninas da casa, de forma que o menino tinha distinção tanto pela mãe, como pelas amas, em relação aos seus cuidados.

Definimos que as escritas femininas das autoras vão construindo um corpo domesticado, domado, normatizado aos costumes e hábitos ditados, quase que exclusivamente, pelo universo feminino, de maneira, a impor às meninas das obras, uma postura muito mais severa e rígida àquelas apresentadas aos comportamentos masculinos.

O corpo segue as tradições femininas de ordem, fragilidade, beleza, restrição, percebemos a formação de uma corporeidade vinculada a um estereótipo feminino de subjetividade e fraqueza, enquanto que para o masculino, formaliza-se pela oposição de objetividade e força.

Os comportamentos e emoções são dirimidos pelos costumes, hábitos e tradições ditados por uma representação matriarcal, explicitados por resignação, submissão e aceitação às normas sociais androcêntrica.

3. Sobre comportamentos e gênero

Ao pensarmos sociologicamente sobre as autobiografias das autoras, compreendemos o quanto as técnicas corporais, a corporeidade e a modelação de posturas e costumes estão nítidas na representação do imaginário social.

As lembranças da autora Cecília Meireles, nos apresentam as diversidades étnico-raciais e culturais daquele período. A menina vai sendo apresentada em meio às exigências de comportamentos para seus modos de se vestir, comer, sentar-se ou brincar.

A narrativa vai nos dando mostras de como as técnicas corporais estão arraigadas nas maneiras de se comunicar, prostrar-se, caminhar ou desenvolver tarefas cotidianas e, como tais modos, incidem na corporeidade dos personagens, principalmente, das senhoras que visitavam sua avó, por conta da preocupação com o portar-se ou vestir-se adequadamente aos preceitos sociais da época.

Outros comportamentos não dirimidos como ditos *normais* como é o caso da personagem que enlouquecera por causa de um homem, é um momento de silêncio e observação de todos a volta há a descrição minuciosa de como a mulher não se adequara aos padrões de uma ‘normalidade social’, ou seja, de um modelo de aceitação social em determinada figuração.

Comprendemos assim, que *a mulher louca* detalhadamente descrita pela menina, era algo que despertava vergonha e medo, emoções pontuadas por Elias como elementos de coerção social, a mãe da mulher enlouquecida, denominada ‘velha Mariana’ sofria muito mais, ao saber que as pessoas assistiam a cena desencadeada pela sua filha, do que propriamente por ela estar com distúrbios mentais.

Outro dado importante, nas duas obras literárias são as tradições familiares e sociais sendo dispostas por meio da contação de histórias, como as lendas, as cantigas, os ditados populares, as músicas e os dogmas religiosos.

Nas duas descrições literárias as mulheres é quem são as portadoras desse legado, são elas que vão perfazendo um *habitus feminino* de formatar as meninas por meio da sua educação, religiosidade, histórias ou faz de contas.

Definimos assim, que a imagem da mulher foi sendo estruturada sob a égide do místico, do sobrenatural, do faz-de-conta, das irrealidades, de forma que a do masculino a partir de uma *verdade* produzida como realidade.

Há uma formação das mulheres através de um *habitus* social que delega valores e atitudes que compõem um quadro social de continuidade de posturas, conceitos, atitudes e adequações que legitimam a mulher em contraposição ao homem, por meio de uma dicotomia, de um discurso masculino hierárquico em que a mulher está em um plano menor, desvalorizado e irrisório.

As infâncias das meninas autoras perfazem uma ludicidade que se compõe de elementos que menosprezam, apequenam, diminuem, silenciam e formalizam a mulher como *o outro* ser que tende a ser mais frágil, fútil, subjetivo, dependente, incompleto, sendo que o masculino é aquele que se contradiz a tudo isso e, se impõe, numa relação de saber e poder, como aquele que compõe *a verdade*:

Michel Foucault tem auxiliado as historiadoras à compreensão da história das mulheres, dizendo que esta história também tem sua história e, portanto, pode ser mudada a cada instante. Considera o homem e a mulher como criações e consequências de uma determinada estrutura de poder. Os homens definem-se e constroem a mulher como o Outro, a partir deles mesmos. (COLLING, 2014, p. 38)

Para Elias, há entre todas as obras literárias, vários jogos de poder, principalmente, entre crianças e adultos, em que tais relações são permeadas na infância, saindo da perspectiva dominante e dominado e, vai sendo desenhada de acordo com as relações de cada indivíduo e seu contexto.

Mesmo na relação entre ama negra e criança branca, pode ocorrer uma situação de *valor* maior à ama negra pela criança, ou da irmã pela outra, da criança pela preceptora, da menina pelo menino em sua relação de amizade, num jogo de relações que decorrem a partir da elaboração de comportamentos, posturas, convivências e conveniências de emoções ou de práticas sociais.

Definimos assim, que as duas autobiografias possuem muitas aproximações quanto à denominação de escritura feminina e que os comportamentos, adequações, normas e parâmetros sociais, dos quais elas participaram, foram elaborados por uma hegemonia masculina (independentemente de ter sido no Brasil ou Argentina), do qual, elas puderam se inserir, serem ‘aceitas’ por ter utilizado estratégias, articulações, vinculações sociais como armamento social contra essa imposição vigente masculinizada.

4. Algumas considerações

A partir das teorias expostas dos autores Mauss, Le Breton e Norbert Elias consideramos que, a partir da análise literárias das obras escritas por mulheres, há mostras de que é, essencialmente, pela família, pela educação formal ou informal que as crianças são inseridas em seu meio social.

A imitação, a observação e a aplicação de costumes e tradições propostas por Mauss e Le Breton são descritas nos comportamentos das crianças, contudo, ao nos ampararmos nos aspectos sociológicos, observamos que é na infância que as crianças são construídas socialmente como indivíduos, são o controle de suas pulsões, emoções e comportamentos que a farão tornar-se ‘civilizada’ para sua adequação enquanto sujeito social.

Partimos sob os aspectos sociológicos eliasianos que as crianças dão mostras de participação, inquietação e imposição perante as mais diversas situações de convívio, elas não aceitam submissamente os critérios de modelação às quais são descritas nas obras literárias.

A cada figuração social elas relutam, transpassam, subverter as regras estabelecidas, as meninas-narradoras dão mostras de teimosia, subterfúgio perante aos cuidados e determinação com situação adversas, tais como, escolha das brincadeiras pelos adultos, determinação para portar-se adequadamente à mesa, definição de tipos de vestimentas das quais as meninas não se sentiam confortáveis, posturas das quais, eram, também, diferenciadas e amenizadas aos meninos.

As crianças personagens, apesar da imposição das regras impostas pelos adultos, tinham suas maneiras de se firmar ou contrapor a essas normas, elas também, transgrediam os modelos determinados e hierarquizados pelos adultos.

Não aceitavam facilmente as determinações dos adultos, também, reagem e se impunham, de acordo com a história da infância, a criança foi sendo adaptada na sociedade por meio do seu processo de aprendizado junto aos adultos, tanto de maneira informal, neste caso, pelo seu convívio familiar, como formalmente, pela escola.

Sob a perspectiva de gênero, há nitidamente maneiras e comportamentos diferenciados aos meninos e meninas, de forma que temos a construção de elementos que as definiam como femininas, dentre os quais podemos destacar a de serem bonitas, meigas, obedientes, submissas, comportadas, frágeis e sonhadoras. Ao masculino, podemos discorrer que havia uma elaboração de componentes de oposição como força, brutalidade, destreza, liberdade, opressão e objetividade.

As narrativas apresentam ambientes quase que exclusivamente matriarcal, não que neguem a presença de homens, mas eles são descritos como aqueles que são responsáveis pelos papéis sociais relacionados ao público.

Às mulheres das narrativas literárias são as personagens principais, pois assumem o privado, cuidam dos afazeres domésticos, das tarefas rotineiras, das visitas sociais, da educação das crianças, do cozer e das fofocas.

A imagem feminina apresentada pelas obras literárias restringe a mulher à passionalidade e à fantasia, as mulheres quem contavam ou explicavam às crianças as lendas, as histórias extraordinárias, os contos antigos, os costumes, as cantigas e a religiosidade. Cabia a elas assumirem as funções relacionadas aos trabalhos manuais, ao doméstico, insignificante e ao trivial. O corpo é apresentado com um formato adestrado, modelado,

restrito às funções sociais, quer seja ao trabalho ou a um modelo social acerca de estereótipos de moda ou de costumes daquele período histórico-social.

Quando aparece a descrição do corpo feminino diferente do estereótipo de fragilidade é destacado como algo inaceitável à imagem feminina, um exemplo é a forma detalhada que o corpo da ‘velha Mariana’ aparece na obra literária, “suas mãos grandes, direitas, como as de um homem, queimadas do sol, gastas pelo trabalho, escondendo, com aquela chita, a face e a dor...” (Meyreles, 1983, p. 72), de maneira que uma mulher não pudesse ser definida como trabalhadora tanto quanto a um homem.

Conforme propõe Elias, “quanto mais apurado e multifacetado é o controle dos instintos, exigidos pelo correto desempenho dos papéis e funções adultos, maior se torna a distância entre o comportamento dos adultos e o das crianças”. (ELIAS, 1994a, p. 104).

Apreendemos que os conceitos apresentados pelos antropólogos e sociólogos, respectivamente, Mauss e Le Breton nos proporcionam reflexões importantes sobre a composição do corpo da criança nas suas diferentes infâncias, sendo esta brasileira ou argentina, contudo, defendemos que será a partir dos conceitos de normatização e adequação de comportamentos, pulsões e emoções que esta criança será inserida em seu meio social.

Abordamos aqui os conceitos eliasianos de individualização e relações de poder como dado necessário e indispensável para compreender esse corpo infantil na formação desses sujeitos como atores de uma figuração, de meninos e meninas elaborados numa representação patriarcal estabelecida por gênero e relações de saber-poder.

Definimos assim que as diversas infâncias, brasileira e argentina, nos conduz a uma aproximação sobre a formação da criança, por meio de seus comportamentos e relações de poder, contudo, temos mostras de que a elaboração do feminino foi construída mediante estereótipos negativos sobre o que é ser menina ou mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPELLO, Eliane. A escrita-mulher em Novela negra com argentinos, de Luisa Valenzuela. In: Navarro, Márcia Hoppe. (Orgs.) *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995.

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados/MS: UFGD, 2014.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história de costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a, Vol 1.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

- SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro (Orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados/MS: Ed. UFGD, 2015
- LANGE, Norah. Cuadernos de infancia. Rosario: Beatriz Viterbo, 2005.
- _____. Cadernos de infância. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2000.
- _____. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. Por una antropología de las emociones. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*. nº 10. Año 4. p. Dic/2012; marzo/2013, p. 67-77.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDU/EDUSP, 1974. v. 2.
- MEIRELES, Cecília. *Olhinhos de Gato*. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.
- SARMENTO, M; GOUVEA. *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.